

Pérola de Wilson das Neves, enfim, nas plataformas

PÁGINA 3



Hanna Schygulla é destaque em 'Pobres Criaturas'

PÁGINA 4



Festival marca volta de Fabio Porchat à direção

PÁGINA 6



2º CADERNO

Zeca Pagodinho faz do Engenhão um Cacique de Ramos gigante

Sambista cumpre o prometido e abre sua turnê nacional no Engenhão com megashow e uma penca de convidados

Vera Donato/Divulgação

Por **Tito Guedes** (Folhapress)

O Engenhão se transformou na quadra do Cacique de Ramos quando Diogo Nogueira, Jorge Aragão, Xande de Pilares e Pretinho da Serrinha foram convidados para uma roda de samba montada no centro do palco. A espontaneidade típica dessas reuniões ficou evidente quando Zeca Pagodinho e Jorge erraram a entrada da primeira música e se confundiram ao informar quem tinha feito a primeira gravação da música. “Acho que a Alcione gravou”, arriscou Jorge. “Ela gravou?”, perguntou Zeca, entre risos.

A chuva cessou poucos minutos antes do início do show de Zeca Pagodinho no último domingo (4) no Estádio Nilton Santos, o Engenhão. O evento celebra o aniversário de 65 anos de vida e 40 de carreira do sambista, e marca a estreia de uma turnê que irá percorrer outras



Apesar da megaestrutura, Zeca conduziu o show com simplicidade e descontração

idades brasileiras ao longo do ano.

A apresentação no Engenhão insere Zeca Pagodinho na nova tendência de mercado da música — a de megashows e turnês grandiosas. Jão, Ludmilla e Ivete Sangalo, por exemplo, também vão

passar 2024 em cima de palcos de proporções exorbitantes.

O curioso é que, diferente desses outros três artistas, acostumados às pirotécnicas próprias do mundo pop e dos grandes espetáculos, Zeca Pagodinho mantém uma postura

quase oposta a gradiloquências. Sua presença é de uma simplicidade quase radical, sem firulas ou marcações excessivas. O gênero em que se consagrou, o samba do Cacique de Ramos, é mais comum em casas de show, quadras e rodas tradicionais.

Mas foi justamente esse contraste que fez o show funcionar. Ainda no início da apresentação, Zeca interrompeu a gravação do DVD para coçar o pé e arrancou risadas do público. “Você podem coçar o pé à vontade, eu preciso pedir licença”, ele disse, antes de cantar mais um clássico acompanhado em coro pelos fãs.

Na prática, o show começou horas antes, no fim da tarde, enquanto Pretinho da Serrinha e sua roda de samba aqueciam o público que entrava no estádio, já abatido pela chuva. Um dos mais animados era o próprio Zeca Pagodinho, que, sem cerimônias, subiu ao palco antes da hora para se divertir com os amigos.

Uma hora antes do horário previsto para o início do show, a chuva apertou e parte do público esvaziou a pista para se abrigar no interior do estádio. A apresentação começou vinte minutos depois do horário prometido.

O telão projetou nomes de diversos músicos importantes para a história do samba ou para a trajetória de Zeca, como Martinho da Vila, Jovelina Pérola Negra, Monarco, Arlindo Cruz e, claro, Beth Carvalho. Beth, a “madrinha” de Zeca, foi lembrada logo na primeira música, “Camarão que Dorme a Onda Leva”, que o lançou como compositor há 40 anos.

Na sequência, Zeca enfileirou uma série de sucessos de diversas épocas, como “Ser Humano”, “Vai Vadiar”, “Quando a Gira Girou”, “Mais Feliz” e “Judia de Mim”. Em quase todas o cantor conferiu a letra no teleprompter.

Continua na página seguinte

CORREIO CULTURAL



Reprodução

Taylor Swift conquista o Grammy pela quarta vez

Taylor Swift é a grande vencedora do Grammy 2024

Taylor Swift foi a grande vencedora do Grammy este ano. A cantora venceu pela quarta vez o prêmio de melhor álbum do ano por “Midnights” e se tornou a única artista na história a alcançar o feito. A premiação também consagrou Billie Eilish com o Grammy de melhor canção, enquanto Miley Cyrus venceu na categoria de melhor

gravação por “Flowers”. O Grammy consagrou Victoria Monét como a revelação do ano.

A premiação do gramofone dourado também ficou marcada pelas apresentações de Joni Mitchell, em sua primeira vez cantando na cerimônia, e Billy Joel, que tocou sua primeira canção inédita em 17 anos.

Salve, Celine

Céline Dion fez uma aparição surpresa na 66ª edição do Grammy. Ela subiu ao palco para apresentar a categoria “Álbum do Ano”, a mais aguardada da noite. Céline está reclusa desde que foi diagnosticada com a síndrome da pessoa rígida.

Troféu e algemas

Killer Mike venceu as três categorias em que foi indicado ao Grammy: melhor música rap e melhor performance de rap. O artista, porém, saiu algemado da premiação. Ele foi detido após brigar com um funcionário que atuava na segurança do evento.

Alfinetada

Jay-Z criticou o Grammy por nunca contemplar a cantora Beyoncé, sua esposa, com o prêmio de álbum do ano. O momento aconteceu durante o seu discurso de agradecimento no palco do evento, que o contemplou com um prêmio pela carreira.

Astrud & Rita

A cerimônia do Grammy incluiu Rita Lee e Astrud Gilberto no “In Memoriam”, seção que relembra e saúda os mortos da indústria da música no último ano. As duas brasileiras apareceram no telão junto a Tony Bennett, Sinéad O'Connor e Tina Turner.



Vera Donato/Divulgação

Zeca Pagodinho espalhou alegria durante show que celebrava seu aniversário e abriu a turnê comemorativa dos 40 anos de carreira

Show marcado pela espontaneidade e comunhão com o público

O maestro Rildo Hora - diretor musical de Zeca há vários anos - foi ovacionado pelo público ao entrar para tocar flauta em “Lamas Ruas”, parceria de Zeca com Almir Guineto. Marcelo D2, pioneiro em estabelecer a ligação entre o rap e o samba já nos anos 1990, entrou para cantar “Minha Fé”, enquanto Djonga, expoente da nova geração do rap, fez a oração de São Jorge em “Ogum”.

O show esquentou de verdade depois da roda de samba. Àquela altura Zeca já estava com outra roupa e — mais importante — sapatos mais confortáveis, o que pareceu melhorar seu humor. O público do setor VIP levantou-se das cadeiras e

se aproximou ainda mais do palco, e assim permaneceu até o fim do show, que não teve nenhum momento morno dali em diante.

A roda de samba foi também o número mais longo com os convidados especiais. Quase todas as outras participações foram aparições relâmpago, sem muita interação com Zeca — talvez pelo tempo cronometrado da transmissão ao vivo. Marcelo D2 e Djonga, por exemplo, evocaram a relação do rap com o samba em canções que evidenciam a religiosidade de Zeca, mas poderiam ter sido mais impactantes. A mesma coisa aconteceu com Seu Jorge, um dos mais aplaudidos pelo público — permaneceu menos de cinco minutos no palco para cantar alguns versos de “Sau-

dade Louca”.

A participação mais bem aproveitada, que resultou em um dos pontos altos da noite, foi a de Alcione. Nos primeiros acordes de “Mutirão do Amor”, Zeca perguntou à banda: “É ela?”. Parte do público pareceu adivinhar de quem se tratava e começou a aplaudir. Quando Alcione entrou no palco, a plateia serviu a maior ovação da noite. Ela e Zeca esbanjaram química e carinho mútuo ao cantarem abraçados um ao outro. A união deu tão certo que Alcione foi convencida a apresentar mais uma música. Só deixou o palco depois de cantar, por sugestão do próprio Zeca, “Sufoco”, um de seus maiores sucessos.

A última convidada especial a subir no palco foi Iza. Ela cantou “Cadê Meu Amor?” em dueto com Zeca, mas depois permaneceu em cena e fez as vezes de passista durante a música seguinte, “Seu Balancê”.

Encerradas as participações, Zeca enfileirou nova série de sucessos infalíveis: “SPC”, “Coração em Desalinho” (em homenagem ao compositor Monarco), “Deixa a Vida me Levar” e Verdade”. O cantor encerrou o show com “Bagaço da Laranja”, quando convidou sua família para subir no palco com ele. Agradeceu ao público do Engenhão rodeado por netos, filhos e filhas.

O resultado foi um show marcado pela espontaneidade e a comunhão com o público. Zeca errou várias entradas, tropeçou em diversas letras e até desistiu de cantar uma música enquanto ela já estava sendo executada. Mas nada disso soou fora do lugar ou pareceu incomodar ao público, que riu e aplaudiu até os pequenos equívocos. Afinal, ninguém espera a perfeição exaustivamente ensaiada de Zeca Pagodinho. O público estava ali para sambar ao som de seus maiores sucessos, e foi isso que ele recebeu.

Zeca Pagodinho deixou o palco do Engenhão com mais um ano de vida e 40 de carreira no samba com consagração popular e de mercado semelhante à de gigantes do pop como Jão e Ivete Sangalo. Mas certamente com sapatos mais confortáveis.

Um documento acessível ao público

‘Brasão de Orfeu’, um dos grandes discos de Wilson das Neves, enfim chega às plataformas digitais

Por **Affonso Nunes**

Chega nesta terça (6) às plataformas digitais uma obra-prima que já deveria estar disponível ao público por mais tempo. Trata-se do álbum “Brasão Orfeu”, do saudoso Wilson das Neves (1936/2017), disco que completa 10 anos de lançamento em 2024 e permanecia inédito no streaming. Mais que um disco, um documento histórico.

Indicado ao Grammy Latino em 2004, “Brasão Orfeu” teve produção artística do compositor Paulo César Pinheiro. O álbum reúne canções de Wilson das Neves com parceiros do mais alto quilate como Aldir Blanc, Paulo César Pinheiro, Délcio Carvalho e Nei Lopes.

Em mais de 50 anos de carreira como baterista, Das Neves, como era conhecido, foi um músico de estúdio siolicidadíssimo. Participou da histórica gravação de “Coisas” (1965),



Wilson das Neves durante show de Chico Buarque em 2006

do maestro Moacir Santos, tocando bateria em todas as faixas. Atuou em mais de 800 gravações e acompanhou artistas como Carlos Lyra, João Donato, Ney Matogrosso, João Bos-

co, Maria Bethânia, Nara Leão, Elza Soares, Gal Costa, Emílio Santiago, Nelson Gonçalves, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Tom Jobim e Miúcha, Elis Regina, Egberto Gismonti,



Divulgação

Wilson Simonal, Elizeth Cardoso, Roberto Carlos, Francis Hime, Tanguara e Sérgio Sampaio, entre vários artistas da MPB, além de internacionais como Michel Legrand, Toots Thielemans, Sarah Vaughan e Sean Lennon. Isso sem contar as quase três décadas em que gravou e tocou na banda de Chico Buarque.

Wilson das Neves foi por décadas ritmista da Império Serrano e acompanhou grandes nomes do gênero como Alcione, João Nogueira, Beth Carvalho, Cartola, Nelson Cavaquinho, Clara Nunes, Roberto Ribeiro, Martinho da Vila e muitos outros.

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Experiências sensoriais

Idealizado pelo laboratório multimídia Gonzalez, GZLZ é um projeto artístico que usa a música como plataforma sensorial para criar experiências únicas para o ouvinte. Preparando seu debut fonográfico, eles criam uma celebração do que é familiar e do que nos move, mas também um convite para explorar novos ritmos no single “Baile do Amanhã”. A faixa tem como inspiração o Miami Bass e do funk carioca da década de 90, base do pop brasileiro produzido nas últimas décadas.

Isabelle Nunes/Divulgação



Daniel Ferreira/Divulgação

Presença de Iemanjá

Em seu primeiro lançamento do ano, Maria Maud apresenta o single “02.02”, canção inspirada na força de Iemanjá. A faixa traz um som solar e espiritual, uma mistura de influências brasileiras - da levada suave do violão à batucada afro - lançada na sexta-feira (2), dia de Iemanjá. A letra aborda o amor, o romantismo e a devoção pela Rainha do Mar. “Escrevi essa música num momento de introspecção, dúvidas e tristeza, mas me vi segura enquanto o mar e o vento batiam no meu rosto. Naquele momento eu senti a força da Iemanjá comigo”, conta a cantora e compositora.



Divulgação

Da saudade à raiva

A banda Radio Front continua a apresentar uma nova frequência de seu som na intensa “Goodbye Amanda”. O grupo carioca começou a escrever a canção durante a pandemia. A faixa é uma ode à transformação da saudade em diferentes emoções, incluindo raiva e amor não expressado. “Goodbye Amanda” é uma música é bem delicada e sensível, com um refrão que traz o sentimento de transformar saudade em raiva, por nunca ter conseguido dizer adeus, por isso I Hate You”, explica Felipe Nova, vocalista da Radio Front, que assina a direção do clipe.

Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Quando Hanna Schygulla comemorou seus 80 anos, no Natal do ano passado, em pleno 25 de dezembro, “Pobres Criaturas” (“Poor Things”) estava iniciando sua caça às onze indicações ao Oscar que hoje fazem de delirante fábula erótica do cineasta grego Yorgos Lanthimos atração obrigatória no circuito exibidor. O Leão de Ouro de Veneza endossa sua potência estética nas telas.

Embora seu foco esteja na estonteante atuação de Emma Stone no papel de Bella Baxter – uma suicida volta do mundo dos mortos numa experiência científica digna de Frankenstein -, o filme traz uma legião de coadjuvantes de peso. É esse o caso da diva alemã de origem polonesa, em luminosa participação no papel de Martha Von Kurtzroc, uma passageira de um navio que compartilha com Bella seu cinismo.

“Sombras sempre existiram nas relações de poder, e sempre existiu a manipulação. Perseverar é resistir”, disse a atriz ao Correio da Manhã, em meio às filmagens de “Pobres Criaturas”, no Festival de San Sebastián.

À época, Hanna também filmava “Yunan”, de Ameer Fakher Eldin. Nele, um escritor árabe exilado viaja para uma ilha remota no Mar do Norte para se suicidar. Decide se alojar num modesto hotel gerido por uma mulher já idosa, cuja afetividade calorosa faz o autor despertar para a vida e pata novos desejos. É uma prova do “perseverar” de que Hanna fala.

“A arte não existe para produzir êxtase, nem para nos maravilhar. A arte existe para nos ensinar que ninguém cresce sem feridas”, disse Hanna. “Fiz grandes filmes centrados na certeza de que tudo o aquilo que desejamos, uma hora, vai se realizar, trazendo consigo também a realização de tudo o que não esperamos, como é o caso da dor”.

Lá pelo fim dos anos 1980,



Hanna Schygulla, a grande musa de Rainer Werner Fassbinder, de destaca em ‘Pobres Criaturas’

Sublime criatura

Consagrada nos anos 1970 em parcerias com Fassbinder, a diva germânica Hanna Schygulla volta às telas ao lado de Emma Stone, no longa que pode dar o Osscarr a Yorgos Lanthimos

a TV Globo exibiu “Lili Marlene” (1981) no horário nobre, numa sessão do “Cinema Especial”, com Hanna a falar em versão brasileira (quase sempre Neuza Azevedo era sua dubladora), mas recorrendo ao alemão nas sequências em que a estrela germânica canta – e muito. O canto de Hanna foi um dos mais potentes do cinema europeu dos anos 1970 (quando conquistou o Urso de Prata de Melhor Atriz, na Berlinale, por “O Casamento de Maria Braun”) e nos anos

1980, quando ela saiu laureada de Cannes, por sua atuação em “A Estória de Piera”, de Marco Ferreri (1928–1997). Desde sua estreia, em 1969, ela filmou de tudo, até com Chuck Norris, com quem contracenou no thriller “Comando Delta” (1986). Mas foi com Rainer Werner Fassbinder (1945–1982) que fez seus maiores sucessos, entre eles “As Lágrimas Amargas de Petra von Kant”, que completou 50 anos em 2022, com direito a um remake particularíssimo.

O filme ganhou uma releitura da trama (escrita inicialmente por Fassbinder como peça) com direção de François Ozon. O título: “Peter von Kant”. Exibido na abertura do Festival de Berlim de 2022, o longa pode ser visto hoje na Amazon Prime. Ele traz Hanna no papel da mãe de um cineasta polemista (papel de Denis Ménochet), que entre em ruína ao se apaixonar por um garotão.

“Fassbinder foi uma criança que cresceu cercado por livros

de arte, lendo sobre Rembrandt em vez de folhear quadrinhos do Pato Donald”, lembra Hanna, ao falar do diretor com quem mais recorrentemente trabalhou. “Ele filmou uma série sobre “Berlim Alexanderplatz” (romance de Alfred Döblin publicado em 1929) porque aquele livro era parte de seu repertório de leitura. A cabeça dele esbanjava referências pictóricas. Ele era muito culto e sabia ser generoso, ao mesmo tempo em que agia como um tirano. Ele era daqueles artistas que nunca poderiam estar satisfeitos”.

Em 2024, Hanna completa 55 anos de carreira como atriz. Sua trajetória profissional começa em 1969, com três filmes no ano, entre eles “O Amor é Mais Frio Que a Morte”, que, à sua época, concorreu ao Urso de Ouro de Berlim. Em cinco décadas e meia de trajetória profissional, ela segue otimista em relação ao papel transcendente da arte.

“Tenho participado de histórias sobre colapsos afetivos, e dores de amor, que olham para a vida buscando representar aquilo que nos desestabiliza”, disse Hanna. “Sinto verdade num cinema que respeita nossas angústias”.

Albert Serra é convocado para o júri da Berlinale 2024 no momento em que seu cultuado longa 'Pacifiction' brilha na grade da MUBI e da Amazon Prime

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Disponível no catálogo da MUBI e no da Amazon Prime, streamings em que arrebanha novos fãs, "Pacifiction", produção eleita o Melhor Filme de 2022 pela enquete da revista "Cahiers du Cinéma" (a Bíblia do audiovisual) segue a render frutos para seu realizador, o catalão Albert Serra. No fim da semana passada, a Berlinale nº 74 anunciou a presença dele como jurado de uma competição que vai se estender de 15 a 25 de fevereiro. Esse convite para que ele integre o coletivo destinado a julgar os concorrentes ao Urso de Ouro de 2024 – presidido pela atriz Lupita Nyong'o, oscarizada por "12 Anos de Escravidão" – ressalta a relevância de Serra como um dos diretores autorais de maior relevância no Velho Mundo na atualidade. Além de Lupita e dele, o júri da Berlinale (agendada de 15 a 25 de fevereiro) reúne a diretora Ann Hui (Hong Kong/ China), o ator e realizador Brady Corbet (EUA), o cineasta Christian Petzold (Alemanha), a atriz e realizadora Jasmine Trinca (Itália) e a poeta Oksana Zabuzhko (Ucrânia). O rol de produções em concurso é farto.

"O cinema que me instiga é aquele que assume o Tempo como entidade a ser estudada a partir de uma mirada fotográfica avessa às convenções de narrativas comer-

Grife à moda espanhola

Divulgação



'Pacifiction', do espanhol Albert Serra, foi eleito o melhor filme de 2022 pela Cahiers du Cinéma



ciais", disse Serra, em entrevista ao Correio da Manhã na França.

Entram em disputa na Berlinale deste ano – sob o crivo do júri do qual o espanhol faz parte - cineastas das mais variadas gerações. Tem sangue jovem na lista em competição, como a franco-senegalesa Mati Diop, a italiana Margherita Vicario e o mexicano Alonso Ruizpalacios. Tem também medalhões: vide os franceses Bruno Dumont e Olivier Assayas e o sul-coreano Hong Sangsoo. A própria Alemanha sai em campo com o veterano Andreas Dresen. Entre as promessas sul-

americanas encaradas como potenciais competidoras, foi selecionada uma produção colombiana que assume um hipopótamo como protagonista: "Pepe", de Nelson Carlos De Los Santos Arias. Ou seja: o que não falta é diversidade, palavra que Serra muito valoriza.

"Tenho formas de pensar a linguagem que passam por uma herança de meu país nas telas. Sou, sim, um cineasta espanhol, pela minha gênese pessoal, mas o meu cinema não está preso a paradigmas nacionais, nascendo de uma troca com a França, no desejo de expressar o mundo a partir de uma inquietação formal que não se define meramente pela palavra, ainda que esta, quando aparece em cena, tem uma relevância, um sentido, um efeito", disse Serra ao Correio da Manhã em solo espanhol, durante o Festival de San Sebastián, em 2023.

Empatia é um termo sempre usado na diagonal, nas raiais da opacidade, nas trocas formais, oficiais e (vez ou outra) afetivas retratadas

em "Pacifiction", um exercício autoral visualmente virtuoso adulado pela "Cahiers du Cinéma". Essa estampa de qualidade do mais respeitado periódico do mundo cinéfilo transformou o que era uma potente dramaturgia sobre a ressaca política de um mundo de ideologias afogadas num acontecimento, aquilo que revistas como a "New Yorker" chama de talk of the town, "O" assunto da cidade. Muitas vezes essa bênção francesa da "Cahiers" erra, sacralizando bezerros de ouro. Em outras (as enquetes em que figuraram Bertrand Mandico, Maren Ade, os Irmãos Safdie, Patricia Mazuy, Ladj Ly e Kleber Mendonça Filho) acertos foram reconhecidos e atestados pela História, como se faz agora com o catalão Albert Serra, o responsável por uma "pacificação" nunca plena dos legados do colonialismo.

"Este é um mundo onde os códigos de valor com que devíamos respeitar o próximo naufragaram", disse o cineasta. "Não uso o roteiro com os atores. Eu converso com

eles, cena a cena, para tentar que eles se guiem pelo sentimento que cada sequência proposta sugere".

Desde o obrigatório "A Morte de Luís XIV" (2016), com Jean-Pierre Léaud, Serra goza de um prestígio autoral singular na Europa, como porta-voz de almas alquebradas pela percepção de que o tempo histórico que validava suas potências beira o ocaso. Artur Tort, habitual diretor de fotografia de seus longas, jamais olha para uma corte, um ambiente palaciano ou pro mix de resorts e inferninhos retratado em "Pacification" em busca de lugares comuns de luxo e de suntuosidade. Existem várias moléstias na dramaturgia de Serra e o tédio é uma delas, quase sempre acompanhado de um certo esnobismo maquinal, ou seja, uma arrogância em relação aos processos de interação social e de trocas financeiras. Assim sendo, lirismo é algo que não lhe cabe, ainda que exista algo de lúdico no verdume das florestas da Polinésia Francesa onde a trama se passa. Mas a preferência de Serra é pelo que existe (ora) de arenoso e (ora) de lamacento na alma do personagem central daquele Éden em falência: um misantropo alheio à perseverança humana chamado De Roller, Alto Comissário da República no Taiti.

Para viver a figura enigmática, que é galã e monstro no mesmo corpo, operando como Jekyll pro neoliberalismo e Mr. Hyde para o discurso ecológico, Serra convocou um ator em estado de graça: Benoît Magiel. Premiado em Cannes, em 2001, por "A Professora de Piano", em duo erótico com Isabelle Huppert, Magiel transforma De Roller num Exu que flana por diferentes mundos (o de governantes poderosos, o de turistas milionários e o bas-fond do comércio sexual) buscando equilíbrio. Mas a ameaça de um conflito atômico, somada à fagulha de um benquerer que parecia impossível, vai tirá-lo do ponto morto. Seu despertar revela, com o olhar decadentista de Serra, que o bárbaro é sempre aquele que se civilizou. É um roteiro deslumbrante, defendido por um ator no apogeu de seu vigor cênico.

Novidades nos palcos

Festival de Curitiba terá Fábio Porchat como diretor e novo espetáculo de Deborah Colker

Por Gustavo Zeitel (Folhapress)

O Festival de Teatro de Curitiba, o mais tradicional dedicado às artes cênicas no país, anunciou nesta segunda-feira (5) a programação da edição deste ano, que ocorre entre 25 de março e 7 de abril em diversos espaços culturais da capital paranaense.

Entre as estreias nacionais está “Agora é que São Elas”, que marca a volta de Fábio Porchat ao teatro como autor e diretor. O espetáculo reúne em cena as atrizes Maria Clara Gueiros, Júlia Rabello e Priscilla

Castello Branco. O texto é formado por esquetes, algumas delas ainda da época em que Porchat se apresentava nos palcos em esquetes com os colegas Paulo Gustavo e Marcus Majella.

Na dança, o destaque é a nova criação de Deborah Colker, que chega a Curitiba logo após estrear no Theatro Municipal do Rio de Janeiro.

Em “Sagração”, Colker propõe mais um trabalho coreográfico para “Sagração da Primavera”, composição de 1913 do russo Igor Stravinsky, que demarcou um dos eixos da modernidade musical.

Vítima de uma relação tóxica

Monólogo premiado sobre a vida de Sofia Tolstói é prorrogado no Rio

Com sucesso de público e elogios de críticos, o premiado monólogo “Só vendo como dói ser mulher do Tolstói” prorroga temporada, a partir de 16 de fevereiro, no Teatro Glauce Rocha/Auditório Murilo Miranda, no Centro, com sessões, às sextas e sábado, às 19h30.

Com texto de Ivan Jaf, direção de Johayne Hildefonso, interpretação de Rose Abdallah e música original de André Abujamra, a peça procura desmitificar o mito Tolstói, ao expor o machismo do autor de “Guerra e paz” e “Anna Karenina”, e jogar luz sobre o protagonismo feminino. O detalhado figurino de

época da peça, assinado por Giovanni Targa, foi indicado ao Prêmio Shell e venceu o Prêmio Fita.

Um dos escritores mais importantes da literatura ocidental, o russo Leon Tolstói teve uma relação extremamente tóxica com a esposa Sofia. Idealizadora do projeto, a atriz Rose Abdallah dá vida a Sofia Tolstói, cujos diários escritos durante 48 anos comprovam um relacionamento patriarcal, machista e abusivo. Ofuscada pela fama do marido por dois séculos, só agora, com os movimentos de empoderamento feminino, a voz de Sofia começa a ser ouvida.

Em “Só vendo como dói ser



Fábio Porchat retoma sua carreira como diretor em ‘Agora É Que São Elas’

O festival também apresenta as peças que foram destaques no último ano, como “Traidor”, de Gerald Thomas e Marco Nani-

ni, o musical “Tatuagem”, com André Torquato, e as premiadas “Macacos”, com Clayton Nas-

cimento, além de “Manifesto Transpofágico” e “Meu Corpo Está Aqui”.

Em 2024, o Festival de Teatro de Curitiba, dirigido por Leandro Knopfholz, um dos fundadores, e Fabíula Passini, olha para a

produção do Norte do país, trazendo três espetáculos da região amazônica: “Cabaret Chinelo”, de Manaus, “Ritual Üphü”, criada por artistas indígenas, e “Sobre Ser Grande”, com o Corpo de Dança do Amazonas.

Alberto Maurício/Divulgação



Rose Abdallah: ‘Conheço mulheres com esses conflitos’

mulher do Tolstói”, uma atriz prepara-se para entrar em cena no papel de Sofia. No camarim, mistura a voz da personagem com sua voz feminista atual, indignada e revoltada com o escritor machista e abusivo. Mistura também épocas

– inícios dos séculos XX e XXI – e espaços – Rússia e Brasil. Em uma linguagem do nosso tempo, Sofia, enfim, fala. Nos bastidores da vida de um grande homem, havia mesmo uma grande mulher, mas ela foi massacrada e oprimida.

“Conhecia Sofia apenas por foto e sempre ao lado do marido. Quando li o monólogo, foi uma mistura de sentimentos: amor por ela e choque por conhecer o outro lado de Tolstói. Apesar de toda a sua genialidade, ele era um homem comum, um russo seguidor fiel dos ensinamentos do Domostroi, que, em russo, significa ‘ordem na casa’, ‘se o marido não domar a esposa, todo lar desmorona’. Conheço mulheres que ainda hoje vivenciam esses mesmos conflitos. Talvez leve alguns séculos para que uma mudança concreta ocorra e que, finalmente, as mulheres tenham seu protagonismo reconhecido”, reflete Rose.

SERVIÇO

SÓ VENDENDO COMO DÓI SER MULHER DO TOLSTÓI
Teatro Glauce Rocha (Av. Rio Branco, 179, Centro)
De 16/2 a 30/3, às sextas e sábados (19h30)
Ingressos: R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

‘Nossos problemas, com ou sem solução, acontecem no cotidiano presente’

Livro põe mulheres no século 20 de frente com questões do século 21

Por Bárbara Blum (Folhapress)

Vilma Piedade não gosta de ser chamada de ativista. Professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e uma das organizadoras do livro “Nós... Mulheres do Século Passado”, ela cunhou o termo conhecido como “dororirdade”, que mistura as palavras dor e sororidade, para descrever a união criada a partir da dor das mulheres negras.

É da vontade de unir, ou aquilombar, nas palavras dela, que nasce “Nós... Mulheres do Século Passado”, lançado no fim do ano passado. Sem rigor acadêmico, Piedade convidou, junto às outras organizadoras Andréa Pacha e Cristina Gaulia, mulheres das mais diversas origens para escrever textos livres.

Valia poesia, prosa, ensaio, o que viesse à mente. O livro traz ensaios sobre feminismos - no plural - feitos por essas mulheres de 32 a 84 anos, que são cozinheiras, artistas, estudiosas, filósofas e até ministras.

São as chamadas mulheres do século passado, ou seja, nascidas no século 20. “Nascemos no século passado, mas nossos problemas, com ou sem solução, acontecem no cotidiano presente, neste século que estamos atravessando, e não poderia ser



Vilma Piedade, organizadora de ‘Nós... Mulheres do Século Passado’

diferente”, diz Piedade.

Ela cita Elza Soares ao dizer “eu sou now, meu tempo é o agora”. De fato, os problemas levantados no livro são atualíssimos. É o caso do ensaio de Elisabeth Ba-

raúna, advogada e integrante da Comissão da Verdade da Escravidão Negra no Brasil, que escreve sobre os impactos da pandemia de Covid nas mulheres negras.

O livro foi concebido nesse

contexto. “Tive essa ideia a partir da pandemia. Onde tudo se tornou virtual, inclusive nossos contatos, trabalho, tempo”, diz Piedade.

O texto de Carla Menezes,



Livro Nós... Mulheres do Século Passado

escrito em primeira pessoa, sobre ser uma mãe solo também é atual em seu diálogo com uma realidade que persiste. O livro traz, ainda, nomes de grife como Zélia Duncan, Maria Elizabeth Rocha --primeira mulher ministra do Superior Tribunal Militar-- e Sueli Carneiro.

Os temas são variados. Muita experiência pessoal entra nas narrativas, e vivências de gênero se misturam às de raça e de sexualidade. São tratados temas como envelhecimento, trabalho, reprodução. Mas cabem reflexões bem-humoradas sobre o amor, caso do texto de Pamela Castro sobre um relacionamento com uma inteligência artificial.

“Aprendemos com quem veio antes, aprendemos com quem veio depois e aprendemos com a juventude, nossa continuidade”, diz Piedade.

Divulgação

Divulgação

UM BOM JORNAL
TEM QUE SER **DIRETO**.

NÃO SER DE ESQUERDA
E NEM DE DIREITA
MAS, **DIREITO**.

É TER CORAGEM
DE INFORMAR
A VERDADE
E NÃO IMPOR
A SUA **VERDADE**.

É **RESPEITAR**
A INTELIGÊNCIA DO LEITOR
E VONTADE DO ELEITOR .

Correio da Manhã

Há 122 anos Direto e Direito



EM UMA BANCA PERTO DE VOCÊ

correiodamanha.com.br @correiodamanha